

# A IDEALIZAÇÃO DE ROMA E SUA ACEITAÇÃO PELOS CRISTÃOS

(Conclusão)

## CAPÍTULO V

### ROMA E OS AUTORES CRISTÃOS NO SÉCULO IV

Visto o ponto principal do nosso trabalho, resta-nos examinar agora a atitude dos autores cristãos do século IV em relação à cidade de Roma, depois de encerrada oficialmente a luta entre o estado romano e o Cristianismo. É evidente que a nova situação, por si só, afastava quaisquer impedimentos que pudessem existir, obstando o louvor de Roma. O estado, fundado e organizado pela mesma cidade que merecera já os encômios dos autores cristãos em pleno período de conflito, acabara rendendo-se, e tal rendição era tanto mais significativa quanto se verificava numa época confusa, em que todos os elementos tradicionais a que se havia antes recorrido para dar suporte moral ao Império haviam desaparecido, e em que o Cristianismo surgia como uma força à qual se dirigia o estado com o objetivo de encontrar um novo apóio que lhe permitisse sobreviver (1). É desde então, era Roma que se entregava aos cristãos; e estes tinham tanto maior liberdade para aceitá-la, depois que a ela fôra retirada a dignidade de capital do Império. De fato, como capital, a cidade estaria sempre ligada à imagem dos césares, e mesmo depois da decadência do culto imperial, não se poderia esquecer que, associada aos imperadores, Roma fôra uma divindade pagã, e é claro que isto dificultaria a sua completa aceitação pela mente cristã. Agora, com a fundação de Constantinopla, depois de já terem outros centros desempenhado o papel de capital, a cidade desligava-se da pessoa do imperador, passando a ser, principalmente, a sede da Igreja, a residência do chefe da Cristandade (2); assim, Roma do sangue dos mártires, a Roma

- 
- (1). — Barker, "El concepto de Imperio", in "Legado de Roma", pág. 101. É interessante notar-se que isto vem, pelo menos no momento, em favor de Orígenes, que defendera o Cristianismo contra Celso, mostrando ao mesmo tempo, como se enganara este ao considerar a nova religião um elemento destruidor do Império por pretender um sistema político caracterizado pela unidade, correspondente ao monoteísmo (cf. Peterson, "Der Monotheismus als politisches Problem", págs. 59 e ss.).
- (2). — Cf. Gregorovius, "Storia della città di Roma nel Medio Evo", I, pág. 10.

do Cristianismo, dispunha de um elemento poderoso para substituir-se à Roma pagã, à Dea Roma ligada ao culto imperial, tornando completo o triunfo dos cristãos sobre seus adversários (3). Pouco a pouco haviam-se aproximado Império e Religião universalistas, a tal ponto que “a Igreja Cristã fundira-se com o estado romano em uma só sociedade, a comunidade cristã, que era tanto um Império como uma Igreja, e tanto uma única Igreja como um Império. A continuidade da Igreja cristã envolvia a continuidade do Império, posto que ambos não eram duas sociedades, mas dois aspectos de uma só sociedade” (4), representados também por um único símbolo que os unia e que era a idealização da cidade de Roma e de sua missão providencial. Chegavam dêste modo, a pleno resultado, as semelhanças de ideais entre cristãos e estóicos, cuja filosofia, absorvida em grande parte pelos elementos da nova fé, podia transmitir ao mundo futuro a imagem da Roma idealizada, em cuja formação tanto participara. Doutro lado, tornava-se cada vez mais acirrada a hostilidade entre os cristãos e o Judaísmo, que se notabilizara pela não aceitação dos benefícios que Roma estendera a todo o Império. E ambos êstes fatos encontraram sua expressão no IV século, como passamos a ver.

Já Eusébio retomara as mesmas idéias de Orígenes, e contribuiu para fortalecer a opinião de que Roma e os elementos integrantes de sua idealização estavam ligados ao Cristianismo. Nas suas linhas gerais, são mesmo encontrados neste autor os grandes traços que vimos na época de Augusto, com a diferença de que tudo quanto antes pudera ser atribuído a êste, como salvador pelo estabelecimento da paz, passa a ser transferido para Jesús Cristo; ao mesmo tempo, Augusto, Roma e suas realizações, surgem desempenhando um papel providencial de preparação do campo para o Cristianismo (5), e Constantino, reunificador do Império e primeiro imperador cristão, aparece como nova versão do fundador

---

(3). — Graf, “Roma nella memoria e nelle immaginazioni del Medio Evo”, II, pág. 413-414.

(4). — Barker, op. cit., pág. 106. Cf. as interessantes considerações de Wendland, “H.R.K.”, págs. 254-256, ilustrando a frase de Mommsen, segundo a qual “das Christentum hat den roemischen Glauben nicht zerstoert, sondern ersetzt”.

(5). — “Historia Ecclesiastica”, III, 2, 37; III, 7, 30-35; cf. Peterson, op. cit., págs. 71-75. Aliás, desenvolveu-se mesmo uma tradição segundo a qual Augusto teria sido advertido do advento de Cristo, como se vê: “The belief that the sibyls had prophesied the advent of Christ made their images popular. The church of the Aracoeli is particularly associated with them, because tradition refers the origin of its name to an altar — ARA PRIMOGENITI DEI — raised to the son of God by the emperor Augustus, who had been warned of this advent by the sibylline books. For this reason the figures of Augustus and of the Tiburtine sibyl are painted on either side of the arch above the high altar. They have actually been given the place of honor in this church; and formerly, when at Christmas time the “Presepio” was exhibited in the second chapel on the left, they occupied the front row, the sibyl pointing out to Augustus the Virgin and the Bambino who appeared in the sky in a halo of light” (Lanciani, “Pagan and Christian Rome”, pág. 24).

do Principado (6). É o que leva Peterson a dizer que se pode facilmente afirmar que, neste ponto, Eusébio serve-se de um lugar comum do tema do louvor a Roma, como se encontra, por exemplo, em Êlio Aristides e Plutarco, somente sem os exemplos mitológicos (7).

No Ocidente, o louvor de Roma encontrou sua maior exteriorização na obra do poeta espanhol Aurélio Prudêncio, que viveu desde o ano 348 (8) até os inícios do século V, sem chegar a ser contemporâneo da tomada da cidade pelos godos de Alarico (9), e cuja importância é tão grande que deu margem a que dêle se dissesse que "merece ser estudado porque oferece um interesse histórico definido. Ele é o testemunho mais expressivo de um fato capital, que está na base da nossa civilização do Ocidente: a reconciliação do Cristianismo com a cultura antiga" (10). De fato, pelas escassas informações que o poeta nos dá de sua própria vida, verificamos que sua educação foi orientada (como era normal, aliás), segundo os moldes pagãos, devendo êle ter apreendido as obras de autores como Virgílio e Horácio (11), mas nota-se que isto não se fez em detrimento da originalidade de sua obra, por um motivo muito simples: tratava-se de um cristão, que era o primeiro grande poeta da Cristandade, e que por isto não dispunha de modelos. Daí a ligação dos dois elementos, clássico e cristão.

Fato interessante, que não podemos deixar de por em relêvo, é que Prudêncio, como espanhol, era conterrâneo de Sêneca e de Lucano, dois estoicos, parecendo ter-se abeberado nestes autores; isto continuaria a evidenciar o aparecimento do elemento estoico, sempre que se tratasse de um caso de exaltação da cidade de Roma (12). É claro que não queremos dizer que Prudêncio fôsse es-

- (6). — "Vida de Constantino", II, 19; IV, 29, ap. Peterson, op. cit., pág. 78; idem, idem, pág. 83: "... die Person des Augustus notwendig als fuer das Christentum selber bedeutungsvoll erscheinen muss. Im Grunde inauguriert Augustus den Monotheismus, das lassen die Aeusserungen bei Euseb erkennen, und Konstantin vollendet nur, was Augustus begonnen hat." Constantino surge também, para Eusébio, comparado a Alexandre, e aí caber-lhe-ia a glória de ter preenchido o ideal estoico; é, pelo menos, o que diz Peterson, (op. cit., nota 132 A, à pág. 78).
- (7). — Op. cit., pág. 79; trata-se da incorporação ao Cristianismo de elementos que já vimos desenvolvidos na época de Augusto, como se vê: "Die drei Begriffe: Imperium Romanum, Friede und Monotheismus sind also unaufloeslich miteinander verknuepft" (pág. 81).
- (8). — Raby, "A History of christian-latin poetry from the beginnings to the close of the Middle Ages", pág. 44; Boissier, "La fin du paganisme", II, pág. 105.
- (9). — Boissier, op. cit., II, pág. 141.
- (10). — Lavarenne, trad. "Cathemerinon Liber", pág. XIV.
- (11). — Raby, op. loc. cit.: Boissier, op. cit., II, pág. 106.
- (12). — Boissier ("La fin du Paganisme", II, pág. 122), Pichon "Histoire de la littérature latine", III, pág. 889 e Bardenheuer "Geschichte der altkirchlichen Literatur", III, pág. 445, reconhecem influências de Sêneca e de Lucano sobre o "Peristephanon" e suas descrições. Não seria também lícito inferir-se que, se houve influências neste setor, poderiam ter existido ainda noutros pontos, tanto mais se levarmos em conta as semelhanças entre Estoicismo e Cristianismo? — Lamentamos que não tenhamos podido consultar dois trabalhos dedicados especialmente a este assunto, e aos quais encontramos referências; trata-se dos seguintes: Weyman, "Seneca und Prudentius", "Commentationes

tóico, mas sim que êle recolheu, não só a parte da filosofia do Pórtico absorvida pelo Cristianismo, mas além disto, vários traços veiculados por autores estóicos, e que isto deve ter exercido alguma influência na sua obra, particularmente no referente a Roma.

Acreditamos poder classificar os sentimentos expressos pelo poeta em relação à cidade em dois grupos: o primeiro, de admiração pela "aurea, Roma" (13), semelhante ao que já vimos antes tanto entre pagãos como entre cristãos; o segundo, essencialmente cristão, reúne tudo que se relaciona com a regeneração de Roma, sua purificação e completa incorporação ao Cristianismo. Aliás, êstes dois sentimentos surgem sempre ligados, uma vez que a grandeza de Roma, todo o beneficio prestado ao mundo pela cidade, nada mais seriam do que obra de Deus, de nada valendo se não fôsse reconhecida por Cristo a excelência da Urbe. E aqui vemos então, como se ligam, na poesia de Prudêncio, o cristão e o romano, uma vez que, se sua poesia é consagrada ao louvor de Cristo, dando mesmo a impressão de que o poeta quer proceder de maneira a não poder ser superado por pessoa alguma na realização dêste escopo, é também verdade que se manifesta sempre, da maneira mais consciente possível, o cidadão romano, empolgado de admiração pelo passado da cidade e encontrando tôda sorte de entusiasmo a respeito de seu futuro. Nada lhe ocorre mais frequentemente, e nada sabe êle com maior beleza cantar, do que a missão de Roma, unificando os povos sob o seu cetro, para introduzi-los unificados nos novos ensinamentos de Cristo (14).

Entre as poesias em que o poeta surge como o cantor de Roma, as mais celebradas são duas, uma relativa à paixão de São Lourenço, constante do "Peristephanon", e outra, o "Contra Simaco", especialmente na sua segunda parte. Na primeira já se encontra base suficiente para que se possa aferir o grau de intensidade segundo o qual Roma fôra adotada pelos cristãos do século IV, e nada mais expressivo do que versos como os seguintes:

"Ó Cristo, Deus único e verdadeiro; ó esplendor, ó poder do Pai, ó fazedor do Céu e da Terra e fundador destas muralhas:

"Tu que colocaste o cetro de Roma no cume de tôdas as pujanças e decretaste que o mundo obedecesse à toga de Quirino e servisse às suas armas, com o intuito de subjugar assim sob o império de mesmas leis os costumes, o gênio, as línguas e os cultos de nações discrepantes:

"Eis que a linhagem humana, inteira, passou para a lei de Remo. O mesmo sentir têm os povos mais diversos, e os ritos mais dissonantes dão a público uma verdade idêntica.

---

Woelfflinianae", Leipzig, 1891, págs. 281-287; e Sixt, "Des Prudentius Abhängigkeit von Seneca und Lucan", "Philologus, Z. f. das klass. Altertum", 51, 1892, págs. 501-506.

Riber, por sua vez ("Aurélio Prudêncio", págs. 63, 91, 115), admite "dejos de doutrina estoica" no poeta, e Wendland põe em evidência o fortalecimento das influências filosóficas sôbre os autores cristãos do século IV ("H.R.K.", pág. 92).

(13). — "Contra Simaco", II, 1113; "Apoteose", 385. Cf. Schneider, "Rom und Romgedanke im Mittelalter", pág. 58.

(14). — Bardenheuer, op. cit., III, pág. 454; Ebert, "Histoire générale de la littérature du Moyen Age en Occident", I, pág. 314.

"E tudo isto foi assim predestinado para que tôda a familia cristã, espalhada sôbre a face das terras, ficasse mais estreitamente ligada por um só vínculo.

"Concede, ó Cristo, a teus romanos, que seja cristã a cidade por cujo ministério concedeste a tôdas as outras que fôsem participes em uma só religião.

"Já por êste mesmo simbolo divino os povos são membros unidos; o mundo subjugado suaviza-se; suavize-se também a cólera suprema.

"As plagas mais afastadas e distantes confluem para uma mesma fonte de graça; Rômulo torne-se fiel; seja crente o próprio Numa" (15).

A simples leitura desta passagem mostra a repetição dos temas sôbre os quais vimos insistindo: o caráter universal do império fundado pela cidade de Roma, fundindo num só organismo vários povos diversos; e, como se infere automaticamente, o elogio da paz romana, uma vez que sentem do mesmo modo povos tão diferentes, afastando a possibilidade de discórdias e de lutas no interior do Império (16). Além disto, e de maneira ainda mais clara, revela-se a idéia da regeneração de Roma pelo Cristianismo, através da missão providencial da cidade, que teria preparado o ambiente para o advento triunfante da Fé cristã (17). O poeta leva ainda esta regeneração a um ponto mais avançado ao dizer "Cristo, ... fundador destas muralhas", num verso que nos sugere uma reflexão interessante: Cristo seria o refundador de Roma, do mesmo modo que, na época de Augusto, poder-se-ia ter atribuído tal papel a Apolo, deus purificador. Assim sendo, por duas vezes ter-se-ia enunciado a idéia da regeneração e refundação da cidade por um poder purificador, que lhe permitiria associar-se a um novo sistema de crenças e de idéias, mantendo sempre um papel simbólico de entidade benéfica (18).

Materialmente, também, o poeta invoca os apóstolos São Pedro e São Paulo, cujas relíquias estariam purificando o próprio

---

(15). — "Peristephanon", II, 413 ss., ap. Riber, op. cit., págs. 96-97; cf. Glover, "The world of the New Testament", págs. 121-122.

(16). — Cf. Glover, "The World of the New Testament", pág. 121. Aliás, o tema da paz, implícito nestes versos, é expressamente tomado pelo poeta em outra de suas poesias, a "Psychomachia", 769 e ss.. Cf. Ebert, "Histoire générale de la littérature du Moyen Âge en Occident", I, pág. 308.

(17). — "Contra Simaco", II, 619. Cf. Lavarenne, "Psychomachie", "Contre Symmaque", pág. 101.

(18). — Cf. Peterson, op. cit., págs. 83-84; Burckhardt, "Del Paganismo al Cristianismo", pág. 245; Schnürer, "L'Église et la civilisation du Moyen Âge", I, pág. 75; Labriolle, "Histoire de la littérature latine-chrétienne", págs. 613-614. Graf, op. cit., II, págs. 408 e 414: "... San Lorenzo, nell'inno postogli in bocca da Prudenziò, prega Cristo di voltare alla sua fede Roma che aveva sottomesse le genti. Alla conquista morale di Roma volse pertanto il cristianesimo tutte le sue forze, e si può certamente dire che, dove non fosse stata la Eterna Città, tutt'altri sarebbero stati i suoi destini." Rehm, "Der Untergang Roms im abendlaendischen Denken", pág. 29: "Das ist nichts anderes als der nun in christlichem Geist erneuert Glaube der alten, augusteischen Zeit, der Glaube Vergils, Ovids, Horazens oder auch Martials an den "ordo renascendi", an die roemische Kraft der Selbstverjüngung: immer wieder wird Rom zu neuem Glanze und zu neuer Weltherrschaft erstehen".

solo de Roma, renunciando assim o sermão de São Leão I, ao qual já fizemos referência:

"E já temos aqui as garantidíssimas prendas cristãs desta esperança; pois aqui já reinam os dois príncipes dos apóstolos.

"Um, evangelizador das gentes; o outro, possuidor da Cátedra suprema, que abre as portas da eternidade que lhe foram confiadas.

"Afasta-te, Júpiter adúltero, manchado com o estupro de tua irmã; deixa já Roma livre, e foge já da plebe de Cristo.

"Já Paulo te joga daqui; e o sangue de Pedro te arruína; e recai sobre ti o crime de Nero, que tu mesmo havias armado" (19).

No "Contra Símaco", escrito certamente entre 402-403, enquanto o poeta fazia uma estada em Roma (20), reaparecem as mesmas idéias, conduzindo sempre à missão providencial da cidade:

"Querendo Deus reduzir a uma só sociedade povos discordes de língua e diversos de culto, resolveu submetê-los à unidade de um mesmo império, fazendo com que todos aceitassem um mesmo jugo, a fim de que o amor pela religião mantivesse unidos os corações dos homens; porque não há união digna de Cristo se uma só crença não congregar tôdas as gentes. Só a concórdia reconhece a Deus, só ela venera tranquilamente ao Pai, como é devido. Este placidíssimo consentimento do gênero humano o torna propício ao orbe; enquanto que a sedição o afujenta e as cruéis armas o tornam vigoroso; alimenta-o com o dom da paz e mantém-no em quieta piedade. Em tôdas as terras que o Oceano limita pelo lado do poente, e que a aurora ilumina com seu róseo despertar do lado do levante, a furiosa Belona transtornava todos os mortais e armava os feros braços para feridas mútuas. Deus, para pôr um freio a esta raiva, obrigou todos os povos a inclinar a nuca às mesmas leis e que todos fôssem romanos: os que são banhados pelo Reno e pelo Danúbio, pelo aurifluente Tejo, pelo grande Ebro; aqueles entre os quais torce o seu curso o corniforme Eridano, rei dos rios, e os que são nutridos pelo Ganges e os que são banhados pelos sete braços do tépido Nilo. Um direito comum igualou-os, um mesmo homem enlaçou-os e vínculos fraternos reduziram-nos à unidade. Em tôdas as partes do mundo os homens vivem hoje como cidadãos de uma mesma cidade e filhos de um mesmo lar. As comarcas que a distância deixa longe, as margens que o Ponto divide, ora se encontram no mesmo forum comum, onde os chama sua promessa de comparecer perante o tribunal, ora numa freqüentada feira na qual trocam os produtos de sua atividade, ora pelo tálamo sujeitam-se a uma mesma lei conjugal. De tanto sangue mesclado, de tantos e tão variados povos, faz-se uma só estirpe. É isto se conseguiu por meio de tão prósperos sucessos e tantos triunfos do Império Romano. Assim preparou-se o caminho para a vinda de Cristo; preparou o caminho uma grande paz sob o governo de Roma" ... (21)

(19). — "Peristephanon", II, 457 e ss.

(20). — Schmitz, "Die Gedichte des Prudentius und ihre Entstehungszeit", e Haefler, "De Prudentii Poetae Psychomachia et carminum chronologia", ap. Bardenhever, op. cit., III, pág. 446; Lavarenne, "Psychomachie" — "Contre Symmaque", pág. 89; Amatucci, "La letteratura di Roma imperiale", pág. 235. Ao que parece, o poeta utilizou-se da réplica de Ambrósio a Símaco (Both, "Des christlichen Dichters Prudentius Schrift gegen Symmachus", ap. Dudden, "The life and times of St. Ambrose", pág. 267).

(21). — "Contre Symmaque", II, 586 e ss.; cf. Ribier, op. cit., pág. 247; Labriolle, op. cit., pág. 611; Straub, "Christliche Geschichtsapologetik in der Krisis des römischen Reiches", pág. 62.

Dêste modo, também aqui a grandeza de Roma seria obra de Deus, ao contrário do que afirmavam os pagãos, que viam no respeito aos deuses a causa dos passados triunfos romanos; alinhando-se com os primeiros apologetas (22), o poeta repele a afirmação de Símaco, e insiste na sua crença nos sucessos de Roma como preparação providencial para o advento do Cristianismo, por intermédio da paz (23).

Outrossim, a comparação da obra de Prudêncio com a própria oração de Símaco leva-nos a uma conclusão interessante, porquanto, se o poeta cristão trata da regeneração e refundação de Roma, abrindo assim grandes perspectivas para o futuro, tem-se uma idéia bem diversa ao ler a seguinte passagem do autor pagão:

"Agora, imaginai Roma vos aparecendo e dirigindo-vos estas palavras: Príncipes excelentes, pais da pátria, respeitai os anos de que me vêdes carregada e aos quais fizeram-me chegar os cultos e a piedade em favor dos quais eu vos imploro neste momento. Deixai-me ficar fiel aos ritos ancestrais: jamais tive que me arrepender disto. Deixai-me viver à minha maneira, uma vez que sou livre. Esta religião, que eu quero guardar, foi a que submeteu o universo às minhas leis; aquela cujas práticas sagradas repeliram Anibal de minhas muralhas e os gauleses de meu Capitólio. Foi então para isto que eu fui preservada, para ser, nos meus velhos dias, objeto de censuras? Eu quero examinar o que se acredita dever reformar, mas é muito tarde para corrigir-me e muito humilhante para mim, velha como estou" (24).

Roma, tida pelo cristão como regenerada e refundada, surge ao pagão como uma velha, cansada, cuja melancólica expressão "é

- 
- (22). — Por exemplo, Minúcio Felix e Tertuliano. Cf. Ebert, op. cit., I, pág. 301; Boissier, "La fin du paganisme", II, pág. 135; Lavarenne, "Psychomachie" e "Contre Symmaque", pág. 97.
- (23). — Cf. "Contre Symmaque", II, 634 e ss.: "Vem então, ó Todo Poderoso, desce sobre a terra em que reina a concórdia! Agora o mundo te acolhe, ó Cristo, o mundo ao qual a Paz e Roma garantem a estrita unidade. Tu queres que as duas sejam as senhoras incontestadas do universo. Sem a Paz, Roma não goza do teu favor; e o que faz com que a Paz te agrade, é a soberania de Roma, que retém pela sua autoridade, e reprime pelo temor as diversas revoltas." Cf. Raby, op. cit., pág. 69; Straub, "Christliche Geschichtsapologetik in der Krisis des römischen Reiches", pág. 63.
- (24). — "Relatio", 3, 9-10, ap. Dudden, "The life and times of Saint Ambrose", pág. 262; Cf. Hubaux, "Les grands mythes de Rome", pág. 46; Rehm, op. cit., pág. 29. Eis os versos de Prudêncio, ao tratar do mesmo assunto: "Se é permitido fazer com que Roma fale, ah! certamente serão melhor apropriadas as palavras que vou agora proferir em seu nome: ela pensa que é uma vergonha deplorar o abandono dos templos, dizer que foi a égide que combateu por ela nos momentos de perigo, e confessar-se curvada sob o peso da velhice. Assim, após ter abraçado seus imperadores, ela lhes diz o seguinte: "Salve, ilustres chefes, raça generosa de um príncipe invencível, sob o qual eu me desembaracei de toda decrepitude, vi-me renascer, vi meus cabelos brancos retomarem a loura cor da juventude: porque enquanto a velhice diminui todas as cousas humanas, minha longa carreira dá origem a uma nova existência: vivendo durante tão longo tempo, aprendi a desprezar a morte. É agora, sim, agora que se mostra uma justa deferência para com os meus anos. É agora que, a justo título, sou chamada venerável e capital do mundo, hoje, que o capacete e o penacho vermelho que eu agito estão cobertos com folhagens de oliveira, que meu orgulhoso boldrié está coberto por uma guirlanda verde e que, sob minhas armas, eu adoro a Deus sem crime, sem carnificina" ("Contre Symmaque", II, págs. 649-665).

muito tarde para corrigir-me” sugere a idéia do fim próximo. Neste caso teríamos, no confronto entre os dois adversários, simbolizada a mudança dos tempos com a vitória do Cristianismo, e como que encerrado o processo de incorporação de Roma idealizada ao sistema de crenças e de idéias que passaria a dominar. Ainda um poeta pagão, Claudiano, pertencente ao mesmo período, contribui para que se confirme esta afirmativa. Primeiramente, existe-nos êle a imagem de Roma envelhecida, impotente, ameaçada pela revolta de Gildão, pedindo auxílio aos deuses:

“Roma tremia pela sua existência: esgotada pela recusa de alimentos, dirige ela seus passos para as portas môveis do Olimpo: que eram bem diferentes os traços sob os quais ela ditava leis aos bretões e submetia aos seus fâscios o indiano consternado! Sua voz está enfraquecida, sua marcha é lenta, seus olhos profundos; a magreza cavou as faces, a fome devorou seus braços; suas espáduas sucumbidas sustêm com dificuldade um escudo todo sujo; a largura do capacete mostra os cabelos brancos, e a ferrugem empanou a lança que ela conduz com dificuldade. Chegada enfim ao palácio dos deuses, Roma abraça os joelhos do senhor do trovão, e deixa, nestes lamentos, rebentar a sua dor: “Júpiter, se o Destino prometeu a minhas muralhas nascentes uma duração eterna; se os oráculos da Sibila são irrevogáveis; se a rocha Tarpéia não mereceu ainda os seus desdens; eu não venho pedir que meu cônsul triunfante calque as margens do Araxes, que minhas achas quebrem a aljava do persa, ou que minhas águias sejam fincadas nas areias da Eritrêia: êstes favores, outrora tu mos concedias: suplicante, hoje eu não reclamo senão alimentos” (25).

Adiante, novos sinais de velhice e de abatimento: contrastando com o entusiasmo de Prudêncio a respeito da extensão de seu império, Rôma exclama pela boca de Claudiano: “É minha grandeza que me aniquila. Oxalá pudesse eu retomar os limites que outrora traçou a mão de Anco!” (26). Por fim, Júpiter resolve restaurar o brilho da cidade; mas, de que maneira? — Por meio de Honório, cristão, filho do imperador que dera os últimos golpes no paganismo com as decisões de 391, 392 e 394, e através de cujas idéias só se poderia compreender uma Roma cristã, e não pagã (27). Esta decisão olímpica, que poderíamos mesmo classificar como paradoxal, parece levar-nos à conclusão de que os próprios pagãos acabavam por ceder diante da nova imagem de Roma idealizada, mantendo todos os seus atributos de majestade, grandeza, e mesmo de perenidade, mas associada ao Cristianismo,

(25). — “De bello Gildonico”, 17 e ss.; cf. Showerman, “Eternal Rome”, págs. 242-243.

(26). — “De bello Gildonico”, 108-109.

(27). — Aliás, noutras obras Claudiano expressa sua fé no reerguimento de Roma através de Estilicão (cf. “De Cons. Stil.”, III, 85; “In VI Cons. Hon.”, 543; “De bell. Get.”, 36 ss.), o que dá margem ao seguinte comentário de Boissier (“La fin du paganisme”, II, pág. 250): “On se demande comment les mesures qu’il avait prises à la fin contre le paganisme, et qui paraissent avoir été assez radicales, n’ont pas empêché un païen sélé, comme Claudien, de lui rester fidèle jusqu’à sa chute. Peut-être lui a-t-il tout pardonné en faveur de ce qu’il faisait pour sa chère Rome”.



tanto assim que se tornara sede da Igreja e deixara de ser capital do Império (28). Tudo, dêste modo, daria força às idéias expostas por Prudêncio; numa época de tal abalo do prestígio romano que sugerira as imagens de senilidade que encontramos na obra de Simaco e de Claudiano, podia o poeta cristão olhar com entusiasmo para a urbe, cujo solo purificado pelo sangue dos mártires tornara-se ponto de atração dos peregrinos (29), e perceber a enorme importância de Roma e do Império para o desenvolvimento do Cristianismo (30).

Contemporâneo de Prudêncio foi outro autor cristão em cuja obra notam-se traços semelhantes aos que já vimos com o poeta espanhol. Trata-se do bispo de Milão, Ambrósio, que viveu de 339 a 397, e ao qual coube tão importante papel na época de Teodósio. O mesmo esquema a que tanto acima nos referimos pode ser também aplicado a Ambrósio, ou seja: inspiração no Estoicismo, associada ao sentimento cristão, levando a certos ideais político-sociais cuja máxima concretização possível consubstanciar-se-ia na obra do Império Romano e que levaria, naturalmente, à exaltação da cidade de Roma.

Não há discrepância entre os eruditos a respeito da participação de elementos estoicos na ética de Ambrósio, e o fato é tanto mais importante quando consideramos que êle foi o primeiro cristão a tratar do assunto, sistematicamente, no seu "De officiis ministrorum"; nesta obra revela-se a tentativa de combinar o que de melhor havia no antigo estoicismo com as novas concepções do Cristianismo, o que constitui um verdadeiro marco na história da ética (31). Em perfeita conformidade com os estoicos, repetindo o que já fôra afirmado também por cristãos, como Tertuliano, por exemplo, o bispo de Milão afirma que o mundo todo é pátria do

---

(28). — Fato, aliás, com que não se conformou Claudiano. Cf. Boissier, op. cit., II, págs. 246-247.

(29). — Cf. "Peristephanon", XI, 195-212; XII, 1-4, 57-66. Cf. Dudden, op. cit., pág. 47.

(30). — A consciência disto faria com que o poeta tivesse podido apresentar uma interpretação unitária do desenvolvimento do mundo (cf. Menéndez Pidal, "Espanña romana", pág. XXXII). Cf. Schnürer, "L'Église et la civilisation au Moyen Âge", I, pág. 75.

(31). — Dudden, op. cit., pág. 503. "... au "De Officiis" de Cicéron il emprunte le cadre général et le titre même de son traité. Il prit également à la morale estoïcienne, dont Cicéron avait été l'éloquent interprète, une foule de notions, telles que la distinction entre la raison et les passions, la préoccupation du "souverain bien", la classification des vertus (sagesse, justice, courage, tempérance), la division des devoirs en devoirs parfaits et devoirs moyens, la valeur attribuée au jugement de la conscience, etc.. Il est vrai qu'il pénétre ces notions d'un esprit assez différent, qu'il les justifie par des raisons auxquelles Cicéron n'avait pu songer, et qu'il leur donne finalement un sens, une portée, une efficacité nouvelles. Mais enfin, chez Ambroise, en même temps que la morale chrétienne affirme son originalité, elle s'assimile résolument tout ce que la morale païenne peut lui offrir d'excellent" (Labriolle, "Histoire de la littérature latine chrétienne", pág. 41; cf. pág. 37); Cf. Romeyer, "La philosophie chrétienne jusqu'à Descartes", II, pág. 145; Pruemm, "Christentum als Neubeitserlebnis", pág. 367; Bardenhever, op. cit., III, págs. 528-529; Barth, "Los Estoicos", pág. 307.

homem sábio (32), que o Estado deve ser a comunidade de pessoas ligadas por amor mútuo e utilidade recíproca (33), e que “o Estado primitivo e original, que é também o Estado ideal, era uma comunidade puramente democrática, como a comunidade das aves, na qual as leis são comuns a todos e por todos são observados com igual devoção, onde o que é legal ou ilegal o é para todos, sem exceção, e onde todos partilham o mesmo domicílio, obedecem às mesmas ordens e participam dos mesmos conselhos” (34). Ainda de acôrdo com os estóicos; expressa-se a crença na decadência, na passagem desta modalidade da Idade de Ouro, para uma degenerescência progressiva, com o aparecimento da monarquia que, mesmo resultante do pecado, é reconhecida como uma necessidade, uma vez que o poder de que dispõe o monarca é dispensado por Deus (35).

Quer-nos parecer bem claro que, mesmo sem advogar a volta à democracia ideal (36), Ambrósio haveria de render homenagens ao Estado que, no limite das possibilidades, mais se aproximasse da perfeição; encaminhava-se assim para a admiração e para o louvor do Império Romano que, dentro das fronteiras que lhe haviam sido garantidas pela paz de Augusto, surgira como o Estado ideal, verdadeira etapa final da História (37). Dissemos acima que fato semelhante deveria ter-se verificado com os estóicos, e que isto explicaria, a nosso ver, o entusiasmo despertado pela obra de Roma, que graças a tal circunstância teria encontrado a maior parte dos fatores de sua idealização pelo mundo antigo. Ambrósio não fugira à regra, uma vez que, para êle, o verdadeiro Estado é o Império Romano, garantidor da paz (38), preparador do mundo para a difusão do Cristianismo (39) e cuja possibilidade de destruição é altamente terrificante, porquanto resultaria daí o descalabro da sociedade organizada e o próprio fim do mundo (40).

---

(32). — Ep. 45, 16; “De off.”, II, 66, ap. Dudden, op. cit., pág. 538.

(33). — Dudden, op. loc. cit..

(34). — “Hexaem’”, v. 66, ap. Dudden, op. cit., pág. 539.

(35). — “Exp. ev. Luc.”, IV, 29, 73, ap. Dudden, op. cit., pág. 540.

(36). — Dudden, op. cit., pág. 539.

(37). — Palanque, “Saint Ambroise et l’Empire Romain”, pág. 334.

(38). — “En vérité, avant l’extension de la domination romaine, non seulement les rois de chaque cité se combattaient entre eux, mais les Romains eux mêmes se déchiraient en des fréquentes guerres civiles.” Suit un rapide historique des guerres civiles à Rome ... Auguste, enfin, supprima les guerres jusqu’aux extrémités de la terre” (“En. ps. XLV”, 21-22, ap. Palanque, op. cit., pág. 334). Cf. Peterson, op. cit., pág. 85.

(39). — “In ps. XLV. “enarr. 21. “Pour un Romain, même chrétien, il n’y a réellement qu’un Etat, c’est l’Empire” (Guignebert, ap. Palanque, op. cit., pág. 334, nota 52). “C’est bien l’Empire Romain qui est l’objet de son ardente affection, au point qu’il en vient à identifier la fidélité chrétienne et la fidélité romaine” (Palanque, op. cit., pág. 329). Cf. Peterson, op. cit., pág. 87, que liga aqui Ambrósio a Eusébio. Courcelle, “Histoire littéraire des grandes invasions germaniques”, pág. 13; Festugière, “Liberté et civilisation chez les Grecs”, pág. 106 e ss..

(40). — “Exp. ev. Luc.”, X, 10, ap. Dudden, op. cit., pág. 538; cf. Schnürer, op. cit., I, pág. 46.

É evidente que isto não bastaria para que um cristão da envergadura de Ambrósio admitisse a Roma idealizada que tanto havia servido ao mundo pagão. Mas é que, para êle, assim como logo após para Prudêncio, tão grandes foram os serviços prestados pela cidade à causa do Cristianismo que ela fazia legitimamente jus à regeneração; ou melhor, esta regeneração era automática, dado que Roma agira como fator primordial na unificação e pacificação do mundo antigo por desígnio expresso da divina Providência (41), que dela teria feito um instrumento de preparação para a obra apostólica de difusão do Evangelho, como se vê: "Mas, para que maiores espaços lhe fôsem abertos, a potência romana, no próprio momento do nascimento da Igreja, espalhou-se pelo mundo inteiro, e a paz foi imposta aos partidos em desacôrdo e às regiões em conflito. Todos os homens, vivendo sob um só império territorial, aprenderam a professar, na linguagem da Fé, o Império de um só Deus, Todo Poderoso" (42). Graças ao bom desempenho desta missão, mereceria Roma conseguir a salvação pelo Cristianismo e regenerar-se pela conversão. Fazendo também com que a cidade se humanizasse e pudesse falar, coloca assim Ambrósio as seguintes palavras na sua boca: "Eu odeio o culto de Nero. Arrependo-me de meus erros passados; não me envergonho de mudar na minha velhice, com o mundo inteiro. Não há acanhamento em passar para um partido melhor; jamais é muito tarde para aprender" (43).

Completava-se assim, com Ambrósio e Prudêncio, o processo de integração da Roma idealizada, com a maior parte dos atributos que já lhe haviam sido conferidos pelos pagãos, no conjunto de princípios dos cristãos, que haviam acabado por absorver também o próprio Império.

E, ao mesmo tempo, nota-se ainda um fato interessante e que contribui para mostrar que um verdadeiro processo havia sido encerrado: a atitude dos cristãos em relação aos judeus, detratores de Roma, inspiradores do "Apocalipse", tornara-se cada vez mais violenta e a hostilidade entre as duas esferas conduziu até o ódio (44). Enquanto Marco Aurélio, que na realidade perseguira os cristãos (45), merecera os louvores de Tertuliano, êste mesmo autor escrevera uma obra expressamente dedicada ao ataque aos judeus, o "Liber adversus judaeos" (46). Prudêncio também os ata-

---

(41). — O que, aliás, é um traço comum a cristãos e a estóicos.

(42). — "En. ps. XLV", 21, ap. Palanque, op. cit., pág. 335.

(43). — Ep. XVIII, 7, ap. Boissier, "La fin du paganisme", II, pág. 282; cf. Palanque, op. cit., pág. 362; Rehm, op. cit., pág. 29.

(44). — Para êste assunto, cf. Simon, "Verus Israel", pág. 165 e ss..

(45). — Cf. Labriolle, "La réaction païenne", pág. 74 e ss.; Homo, "Les empereurs romains et le Christianisme", pág. 53; Puech, prefácio às "Pensées", pág. XVI.

(46). — É verdade que há certas dúvidas a respeito da autenticidade dêste livro, mas referem-se apenas às suas últimas páginas (cf. d'Alès, "La Théologie de Tertullien", pág. 8, nota 2).

cara (47), e Ambrósio procedera de maneira semelhante (48). Quanto ao "Apocalipse" atribuído a São João, sabe-se perfeitamente das dificuldades que foram apostas à sua inclusão no cânone do Novo Testamento (49), onde surge como um bloco deslocado em relação às outras partes (50).

Haviam passado, assim, os cristãos a ligar-se aos pagãos no ódio aos judeus, ao mesmo tempo que o conflito com o Império transformava-se em completa aliança.

---

(47). — "Apoteose", 321 e ss..

(48). — Cf. Palanque, *op. cit.*, págs. 205-207; Simon, *op. cit.*, págs. 266-267; Labriolle, "Histoire de la littérature latine chrétienne", pág. 364.

(49). — Cf. McNeile, "An Introduction to the study of the New Testament", especialmente págs. 343-346 e 358; Gibbon, "Histoire de la décadence et de la chute de l'Empire Romain", I, págs. 281.

(50). — Puech, "Histoire de la littérature grecque chrétienne", I, pág. 418.

## CONCLUSÃO

Principiamos por fixar a importância da idealização de Roma e de seu papel na História para o Império Romano; vimos que tal idealização surgira aos contemporâneos de Augusto como um problema moral, cuja solução tornava-se ainda mais necessária em virtude da existência de maldições lançadas sobre a cidade e de uma série de prognósticos relativos à proximidade e irrevogabilidade de sua queda e destruição.

Ora, já aí se defrontavam duas tendências opostas: uma, considerando Roma como tendo realizado o que de melhor pudesse ser feito em favor dos homens, e procurando atribuir à urbe um caráter de eternidade, para o bem do mundo; outra, a judia, partindo de princípios completamente opostos, consciente da importância decisiva de Israel na História, encarava a cidade como um obstáculo à efetivação da felicidade do "povo eleito" e via-a, portanto, como representante de uma fase do desenvolvimento da humanidade, fase de exacerbação das potências do Mal, mas que haveria de passar, afim de que os destinos judeus pudessem encontrar sua plena realização. A sibilística e a apocalíptica, de um lado, Virgílio e seus contemporâneos de outro, encarnavam bem dois tipos diversos de idealização de Roma: como personificação do Mal, transitória, votada à expiação de seus pecados, dos crimes cometidos contra o povo de Jeová, destinada a ser destruída "com nafta, asfalto, enxofre e muito fogo" e a transformar-se num pó "queimando por toda a Eternidade"; e depois, como propiciadora da renovação da Idade de Ouro, cidade que muito mal fizera — é certo — mas que surgia regenerada pelo valor incalculável do benefício prestado ao mundo, pela restauração da paz e da prosperidade há muito perdidas. Para a primeira, Roma era encarada de um ponto de vista particular a um povo, e como uma entidade passageira; já a segunda via-a num plano universal, merecedora da perenidade. É fato que tanto os judeus como os pagãos que se lhes opunham mereciam ser chamados universalistas, mas em sentidos completamente diversos, como se vê: o universalismo israelita era o que se verificava pela penetração dos judeus em todo mundo, sem que eles deixassem de ser judeus; mesmo porque a superioridade de um "povo eleito" jamais poderia dar margem a um modo de agir que não resultasse na intensificação do sentimento nacional e particularista, exacerbado pelo conflito permanente

com o anti-semitismo greco-romano. Assim, o universalismo judeu alcançaria o seu objetivo pela vitória sobre os impuros e pela submissão do mundo ao povo do Senhor. O universalismo greco-romano, ao contrário, tendia à unificação de todas as nações, à consideração dos homens como entes ligados entre si por um laço de origem divina, que devia conduzir cada vez mais ao cosmopolitismo, à união e à compreensão universais. É clara a diferença, e parece-nos ser também evidente que Roma, pela sua obra, impedia o preenchimento das aspirações judaicas e facilitava, na medida das possibilidades, a satisfação do sonho greco-romano. Basta que se comparem os textos israelitas com as obras de filósofos greco-romanos, mormente estoicos, para que se verifique a verdade desta asserção.

Do próprio Judaísmo, entretanto, surgiu o Cristianismo, que apresentava uma série de afinidades com a referida filosofia, que deveria caminhar para um sentido universalista semelhante e que, portanto, seria levado a considerar Roma de maneira mais próxima do ponto de vista pagão do que do judeu. É claro que, a princípio, isto não era possível, desde que a nova religião brotava do Judaísmo anti-romano. Mas, pouco a pouco, chegou-se a São Paulo e, daí por diante, afirmou-se progressivamente o universalismo cristão, que determinaria tanto o afastamento do Judaísmo como a aproximação com a filosofia cínico-estóica. Tal processo pode ser melhor observado quando seguimos a marcha dos sentimentos expressos pela maioria dos autores cristãos em relação à cidade de Roma. Adatando a urbe ao quadro da religião, os cristãos foram-lhe atribuindo uma função cada vez mais importante no seu próprio triunfo, chegando, por fim, a um ponto de vista que muito se assemelha ao que vimos na época de Augusto: uma nova era, muito superior à anterior, fôra inaugurada, e isto devia-se, em grande parte, ao papel providencial desempenhado pela cidade de Roma. Partira-se, assim, do "Apocalipse" de São João e chegara-se às poesias de Prudêncio, não deixando de ser significativo que um autor decididamente contrário a Roma, o poeta Comodiano, tenha sido repellido pela Igreja e colocado no "Index librorum prohibitorum" atribuído ao papa Gelásio; o mesmo sucedeu a Arnóbio, que fôra levado a invetivar a cidade ao mover seus ataques ao paganismo.

Roma, que corporificara o que de melhor pudesse existir sobre a terra para os pagãos, passava a ser também um importante instrumento de instauração da era Cristã, que não poderia ser superada por qualquer outra, no plano terreno. É claro que tal concordância só se explica porque a obra realizada pela urbe corresponde, em certa medida, tanto às aspirações da filosofia greco-romana, como às dos cristãos, surgindo sempre sob um aspecto de universalismo mais amplo possível. Pagãos primeiramente, e:

cristãos depois, ligaram-se a Roma e opuseram-se aos particularistas judeus, famosos pelos anátemas lançados à cidade.

A Idade Média manteve e acentuou estes traços. Não importava que Roma decaísse materialmente, que sua população ficasse reduzida à cifra de 20.000 habitantes, e que as ruínas evidenciassem a perda do brilho dos áureos tempos; tudo isso nada significava, porque acima, muito acima da Roma concreta, surgira a urbe idealizada, espiritualizada, a "Roma nobilis" dos peregrinos, a sede da Cristandade, a "caput mundi", que podia servir a Dante até mesmo para designar o próprio Paraíso:

"Qui sarai tu poco tempo silvano,  
"e sarai meco, senza fine, cive  
"di quella Roma, onde Cristo è romano.  
(*"La Divina Commedia"*, Purg. XXXII, 100-102).

Ligando duas fases da História, superior às catástrofes políticas, às crises econômicas, à confusão social, impunha-se assim esta Roma ideal, símbolo de um momento em que predominara no mundo a aspiração a algo de melhor, de cosmopolita e de universal, que se superpusesse aos particularismos, às rivalidades, ao ódio e demais pequenezas humanas.

*PEDRO MOACYR CAMPOS*

Livre-docente e assistente da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval  
(U.S.P.).

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

### I — FONTES

- AULU GELLE — "Oeuvres complètes", traduction française de MM. De Chaumont, Flambart et Buisson. Nouvelle édition, revue avec le plus grand soin par M. Charpentier et M. Blanchet, Garnier frères, s. d. 2 vs..
- CATULLE ET TIBULLE — "Oeuvres", Traduction nouvelle, introduction et notes de Maurice Rat; Paris, Garnier, 1931, 326 págs..
- CICÉRON — "Oeuvres complètes", avec la traduction en français, publiées sous la direction de M. Nisard. Paris, Firmin Didot, 1852, 5 vs..
- CLAUDIEN — "Oeuvres complètes, avec la traduction en français, publiées sous la direction de M. Nisard. Paris, Firmin Didot, 1855.
- ELIO ARISTIDE — "In gloria di Roma", Introduzione, traduzione e commento di Luigia Achillea Stella. Firenze, Edizioni Roma, 1940, 138 págs..
- FLAVIUS JOSEPHE — "Oeuvres complètes", traduits en français sous la direction de Théodore Reinach. Paris, Ernest Leroux, 7 vols..
- FLORUS — "Abrégé de l'histoire romaine", avec la traduction en français, publiée sous la direction de M. Nisard. Paris, Firmin Didot, 1857.
- PETER, H. — "Historicorum romanorum reliquiae". Leipzig, B. G. Teubner, 1914, 2 vols..
- HORACE — "Odes et épodes", texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1927, 234 págs..
- HORACE — "Satires", texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris, Société d'édition "Les belles lettres".
- I FRAMMENTI DEGLI STOICI ANTICHI, ordinati, tradotti e annotati da Nicola Festa. Bari, Gius, Laterza & Figli, 1932 e 1935, 2 vols..
- LUCII CAECILII FIRMIANI LACTANTII opera omnia, in J. P. Migne, "Patrologiae cursus completus", series latina, tomus VI, 1844.
- OVIDE — "Oeuvres complètes", avec la traduction en français, publiées sous la direction de M. Nisard. Paris, Firmin Didot, 1864, 871 págs..
- MARC AURÈLE — "Pensées", texte établi et traduit par A. I. Trannoy, préface d'Aimé Puech. Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1925, 148 págs..
- PROPERCE — "Élégies, traduction nouvelle avec une introduction et notes par Maurice Rat. Paris, Garnier, 1931, 278 págs..
- PRUDENCE — "Cathemerinon liber", texte établi et traduit par M. Lavarenne. Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1943, XXXIX — 75 págs..
- PRUDENCE — "Psychomachie" — "Contre Symmaque", texte établi et traduit par M. Lavarenne. Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1948, 211 págs..
- PRUDENCE — "Apotheosis" e "Hamartigenia", texte établi et traduit par M. Lavarenne, Société d'édition "Les belles lettres", Paris, 1945, XIV — 81 págs..
- RES GESTAE DIVI AUGUSTI ex monumentis ancyrano et antiocheno latinis ancyrano et apollesiensis graecis, texte établi et commenté par Jean Gagé. Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1935, 210 págs..
- SAINT AUGUSTIN — "La cité de Dieu", avec la traduction en français, publiée sous la direction de M. Nisard. Paris, Firmin Didot, 1853.



- S. THASCI CAECILII CYPRIANI opera omnia, recensuit et commentario critico instruxit Guilelmus Hartel. Vindobonae, apud C. Geroldi Filium Bibliopolam Academiae, MDCCCLXVIII. In vol. III do "Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum".
- S. HIPPOLYTI PORTUENSIS in Danielelem, in J. P. Migne, "Patrologiae cursus completus", series graeca, tomus X, 1857.
- SAINI' JEROME — "Oeuvres complètes", traduites en français et annotées par l'abbé Bareille, renfermant le texte latin soigneusement revu et les meilleures notes des diverses éditions. Paris, Louis Vivès, 1877, 18 vols..
- SANCTI LEONIS MAGNI opera omnia, in "Patrologiae cursus completus", série latina, tomus LIV. Paris, Garnier, 1881.
- SÉNEQUE — "Oeuvres complètes de Sénèque le philosophe", avec la traduction en français publiées sous la direction de M. Nisard. Paris, Firmin Didot, 1885, 874 págs..
- SÉNEQUE — "De la clémence", texte traduit par F. Préchac. Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1921, CXXVI - 48 págs..
- SÉNEQUE — "Dialogues", tome IV, texte établi et traduit para R. Waltz. Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1927, 9 — 129 págs..
- SÉNEQUE — "Lettres à Lucilius", tomes I e II, texte établi par F. Préchac et traduit par H. Noblot, Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1945.
- TACITE — "Oeuvres complètes", traduites en français avec une introduction et notes par J. L. Burnouf, Paris, Hachette, 1865, 713 págs..
- TERTULLIEN — "Apologétique", texte établi et traduit par J. P. Waltzing avec la collaboration de A. Severyns. Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1929, LXX — 115 págs..
- TERTULLIEN — "De praescriptione haereticorum", texte latin et traduction française par P. de Labriolle. Paris, Auguste Picard, 1907, LXVIII — 114 págs..
- SUÉTONE — "Vies des douze Césars", texte établi et traduit par H. Ailloud. Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1931-1932, 3 vols..
- TITE-LIVE — "Oeuvres", avec la traduction en français, publiées sous la direction de M. Nisard. Paris, Dubochet & Cie., 1844, 2 vols..
- VALÈRE MAXIME — "Des faits et des paroles mémorables", avec la traduction en français publiée sous la direction de M. Nisard. Paris, Dubochet & Cie., 1843.
- VIRGILE — "Oeuvres complètes", avec la traduction en français, publiées sous la direction de M. Nisard. Paris, Firmin Didot, 1890.
- BÍBLIA SAGRADA — Traduzida em português segundo a Vulgata latina, ilustrada com prefações por Antônio Pereira de Figueiredo, seguida de notas pelo Rev.º Cônego Delaunay. 2.ª edição, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1881, 2 vols..
- NEUTESTAMENTLICHE APOKRYPHEN, in Verbindung mit Fachgelehrten in deutscher Uebersetzung und mit Einleitungen herausgegeben von Edgar Hennecke. Zweite, voellig umgearbeitete und vermehrte Auflage. Tuebingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1924, 668 págs..
- DIE APOKRYPHEN UND PSEUDOEPHIGRAPHEN DES ALTEN TESTAMENTS, uebersetzt und herausgegeben von E. Kautzsch. Tuebingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1900, Neudruck 1921, 2 vols..

## II — DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

- A DICTIONARY OF THE BIBLE, edited by James Hastings. New York, Charles Scribner's sons, 1905. 4 vols, e um extra, com index.
- DICTIONNAIRE DE LA BIBLE, contenant tous les nomes de personnes, de lieux, de plantes, d'animaux mentionnés dans les saintes écritures, les questions théologiques, archéologiques, scientifiques, critiques, relatives à l'Ancien et au Nouveau Testament et des notices sur les commentateurs anciens

- et modernes. Publié par F. Vigouroux avec le concours d'un grand nombre de collaborateurs, 2.e tirage, Paris, Letouzey et Ané, 5 vols..
- DICTIONNAIRE D'ARCHÉOLOGIE CHRÉTIENNE ET DE LITURGIE, publié par dom Fernand Cabrol et dom Henri Leclercq avec le concours de plusieurs collaborateurs. Paris, Letouzey et Ané; em publicação.
- DICTIONNAIRE DES ANTIQUITÉS CRECQUES ET ROMAINES, de Daremberg, Saglio e Pottier. Paris. Hachette, s. d., 9 vols..
- DICTIONNAIRE DES ANTIQUITÉS CHRÉTIENNES, contenant le résumé de tout ce qu'il est essentiel de connaître sur les origines chrétiennes jusqu'au moyen âge exclusivement, par l'abbé Martigny. Troisième édition, Paris, Hachette, 1889, 830 págs..
- REALENCYCLOPAEDIA FUER PROTESTANTISCHE THEOLOGIE UND KIRCHE, begründet von J. J. Herzog. Dritte verbesserte und vermehrte Auflage unter Mitwirkung vieler Theologen und anderer Gelehrten, Herausgegeben von Dr. Albert Hauck, Leipzig, J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1906, 24 vols..
- THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA, New York, The Universal Knowledge Foundation, Inc., 1913, 15 volumes e Index.
- THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, fourteenth edition. London, The Encyclopaedia Britannica Company, Ltd., 1929-1932, 24 vols..
- THE ENCYCLOPAEDIA OF RELIGION AND ETHICS, edited by James Hastings with the assistance of John A. Selbie and Louis H. Gray. Edinburgh, T. & T. Clark, 1934. 12 vols. e Index.
- THE JEWISH ENCYCLOPAEDIA. New York and London, Funk and Wagnalls Company, 1907. 12 vols..

### III — OBRAS GERAIS

- AMATUCCI, A. G. — "La letteratura di Roma imperiale". Bologna, Licio Cappelli Editore, 1947, 421 págs..
- AUBERTIN, C. — Sénèque et Saint Paul, étude sur les rapports supposés entre le philosophe et l'apôtre. Troisième édition, Paris, Didier & Cie., 1872, 446 págs..
- AUTRAN, C. — "La préhistoire du Christianisme", Paris, Payot, 1941, 2 vols..
- ALES, A. d' — "La théologie de Tertullien". Deuxième édition, Paris, Gabriel Beauchesne & Cie., 1905, 535 págs..
- BARDENHEWER, I. — "Geschichte der altkirchlichen Literatur". Freiburg im Breisgau, Herdersche Verlagshandlung, 1912. 6 vols..
- BARDENHEWER, "Des heiligen Hippolytus von Rom Kommentar zum Buche Daniel". Freiburg im Breisgau, Herde'sche Verlagshandlung, 1877, 107 págs..
- BARDON, H. — "Les empereurs et les lettres latines d'Auguste à Hadrien". Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1940, 476 págs..
- BARDY, G. — "La conversion au christianisme durante les premiers siècles", Paris, Aubier, 1949, 356 págs..
- BARDY, G. — "L'Église à la fin du premier siècle". Paris, Bloud & Gay, 1932, 178 págs..
- BARTH, P. — "Los estoicos", traducción del alemán por Luis Recaséns Siches. Madrid, "Revista de Occidente", 1930, 346 págs..
- BELLESSERT, A. — "Virgile, son oeuvre et son temps", Paris, Perin & Cie., 1920, 335 págs..
- BESNIER, M. — "L'Empire Romain de l'avènement des Sévères au concile de Nicée." Paris, Presses universitaires de France, 1937, 401 págs..
- BEVAN, E. — "Stoiciens et sceptiques", trad. Laures Baudelot, Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1927, 154 págs..
- BOISSIER, G. — "La religion romaine d'Auguste aux Antonins". Septième édition. Paris, Hachette, s.d. 2 vols..

- BOISSIER, G. — "La fin du paganisme. Étude sur les dernières luttes religieuses en Occident au quatrième siècle", neuvième édition. Paris, Hachette, s.d. 2 vols..
- BOISSIER, G. — Nouvelles promenades archéologiques. Horace et Virgile". Paris, Hachette, s.d., 376 págs..
- BOISSIER, G. — "L'opposition sous les Césars". Paris, Hachette, 1875, 372 págs..
- BONSIRVEN, J. — "Le judaïsme palestinien au temps de Jésus-Christ". Paris, Gabriel Beauchesne et ses fils, 1934, 2 vols..
- BOUSSET, W. — "Die Religion des Judentums im spaethellenistischen Zeitalter", dritte, verbesserte Auflage. Herausgegeben von Dr. Hugo Gressmann. Tuebingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1926, 575 págs..
- BORNECQUE, H. — "Tite Live". Paris, Boivin & Cie., 1933, 216 pág..
- BRÉHIER, E. — "Histoire de la Philosophie". Paris, Alcan, s.d., 2 tomos em 3 volumes.
- BRÉHIER, E. — "Chryssippe". Paris, Félix Alcan, 1910, 295 págs..
- BRUNSCHVICG, L. — "Le progrès de la conscience dans la philosophie occidentale". Paris, Félix Alcan, 1927, 2 vols..
- BRYCE, J. — "The holy Roman Empire". London, Macmillan and Co., 1892, 479 págs..
- BUCHAN, J. — "Augustus", London, Hodder and Stoughton, 1947, 349 págs..
- BURCKHARDT, J. — "Del Paganismo al Cristianismo. La época de Constantino el Grande". Versión directa de Eugenio Imaz, México, Fondo de Cultura Económica, 1945, 437 págs..
- CAMBRIDGE ANCIENT HISTORY, The, edited by S. A. Cook, F. E. Adcock, M. P. Charlesworth, N. H. Baynes. Cambridge, at the University Press. 12 vols. e 5 de ilustrações.
- CARCOPINO, J. e BLOCH, G. — "La république romaine de 133 à 44 avant J.C. Paris, Press Universitaires de France, 1935-1936, 1054 págs. em 2 vols..
- CARCOPINO, J. — "Sylla ou la monarchie manquée". Paris, L'Artisan du Livre, 1931, 245 págs..
- CARCOPINO, J. — "Virgile et les origines d'Ostie". Paris, de Boccard, 1919, 818 págs..
- CARCOPINO, J. — "Virgile et le mystère de la quatrième élogue". Paris, L'Artisan du Livre, 5e. édition, 1930, 220 págs..
- CARTAULT, A. — "Études sur les satires d'Horace". Paris. Félix Alcan, 1899, 370 págs..
- CASTER, M. — "Lucien et la pensée religieuse de son temps". Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1937, 412 págs..
- CHAPOT, V. — "Le Monde romain". Paris, Albin Michel, 1938, 503 págs..
- CHARBONNEAUX, J. — "L'Art au siècle d'Auguste". Lausanne, Paris, Bruxelles, New York, "La guilde du livre", 1948, 108 págs. e 102 de ilustrações.
- CHARLES, R. H. — "Religious development between the old and the new Testaments". London, New York, Toronto, Oxford University Press, 1945, 250 págs..
- CHRIST, W. — "Geschichte der griechischen Literatur". Sechste Auflage, unter Mitwirkung von Otto Staehlin, bearbeitet von Wilhelm Schmid; Muenchen, 1920, C. H. Beck'sche Verlagebuchhandlung. Duas partes em 4 volumes.
- COCHRANE, CH. N. — "Cristianismo y Cultura clasica", traducción de José Carner. Mexico-Buenos Ayres, Fondo de Cultura Economica, 1949, 509 págs..
- COULANGES, F. de — "La cité Antique. Étude sur le culte, le droit, les institutions de la Grèce et le Rome", dix-huitième édition. Paris, Hachette, 1903, 478 págs..

- COURCELLE, P. de — "Histoire littéraire des grandes invasions germaniques". Paris, Hachette, 1948, 264 págs..
- DANIÉLOU, J. — "Origène". Paris, "La Table Ronde", 1948, 310 págs..
- DELAUNAY, F. — "Moines et Sibylles dans l'Antiquité judéo-Grecque", 2e. édition. Paris, Didier & Cie., 1874, 403 págs..
- DUDDEN, F. H. — "The life and times of St. Ambrose". Oxford, Clarendon Press, 1935, 755 págs. em dois vols..
- DUDLEY, D. R. — "A History of Cynicism". London, Methuen & Co. Ltd., 1937, 224 págs..
- DUMÉZIL, G. — "Naissance de Rome", 4r. édition. Paris, Gallimard, 1944, 221 págs..
- DUTOIT, . — "Le thème de l'adynation dans la poésie antique", Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1936, 177 págs..
- DUCATI, P. — "Le problème étrusque". Paris, Leroux, 1938, 207 págs.
- EBERT, A. — "Histoire générale de la littérature du Moyen Âge en Occident", traduite de l'allemand par le Dr. Joseph Aymeric et le Dr. James Comamin. Paris, Ernest Leroux, 1883. 3 vols..
- FAVRE, Mme. J. — "La morale des stoiciens". Paris, Félix Alcan, 1888, 382 págs..
- FARQUHARSON, A. S. L. — "The Meditations of the Emperor Marcus Antoninus", edited with translation and commentary. Oxford, Clarendon Press, 1944, 935 págs., em dois volumes.
- FERRERO, G. — "Grandeza y decadencia de Roma", traduzida para o espanhol por M. Ciges Aparicio. Editorial Mundo Nuevo, Santiago de Chile. s.d., 6 vols..
- FESTUGIERE, A. J. — "Liberté et civilisation chez les Grecs", Paris, Éditions de la Revue des jeunes", 1947, 126 págs..
- FINEGAN, J. — "Light from the ancient past. The Archeological Background of the Hebrew-Christian Religion". Princeton, University Press, 1946, 500 págs..
- FISHER, G. P. — "The beginnings of Christianity, with a view of the state of the Roman world at the birth of Christ", Edinburgh, T. & T. Clark, 1878, 591 págs..
- FLEG, E. — "Anthologie juive", neuvième édition. Paris, Gallimard, 2 vols..
- FREYER, H. — "Weltgeschichte Europas", Wiesbaden, Dieterich'sche Buchhandlung, 1948, 1011 págs. em 2 vols..
- FRIEDLAENDER, L. — "La sociedad romana. Historia de las costumbres en Roma, desde Augusto hasta los Antoninos", traducción del alemán por W. Roccs. México — Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1947, 1217 págs..
- FOUARD, C. — "Saint Paul, ses dernières années", douzième édition, revue et corrigée. Paris, Victor Lecoffre, 1925, 392 págs..
- GAGÉ, J. — "Recherches sur les jeux séculaires", Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1934, 119 págs..
- GERNENTZ, G. — "Laudes Romae", dissertatio inauguralis, Rostochii, Typis Academicis Adlerianis, MDCCCCXVIII, 149 págs..
- GIBBON, E. — "Histoire de la décadence et de la chute de l'Empire Romain", traduction française avec une notice par J. A. C. Buchon. Paris, A. Desrez, 1837, 2 vols..
- GLOVER, T. R. — "The World of the New Testament", Cambridge, University Press, 191 págs..
- GLOVER, T. R. — "The conflict of religions in the early Roman Empire". London, Methuen & Co. Ltd., 1910, 359 págs..
- GLOVER, T. R. — "Virgil". London, Methuen & Co. Ltd., 1912, 343 págs..
- GOGUEL, E. — "La Naissance du Christianisme". Paris, Payot, 1946, 607 págs..
- GOGUEL, E. — "Les premiers temps de l'Église". Neuchâtel, Paris, Delechaux et Niestlé S. A., 1949, 235 págs..

- GRAETZ, H. — "A History of the Jews". Philadelphia, The Jewish Publication Society of America, 1941, 5 vols..
- GRAF, A. — "Roma nella memoria e nelle immaginazioni del Medio Evo". Torino, Ermanno Loescher, 1883, 2 vols..
- GREGOROVIVUS, F. — "Storia della città di Roma nel Medio Evo", edizione curata da Ettore Pais. Torino, Sten Editrice, 1925, 4 vols. em 8 tomos.
- GRENIER, A. — "Le génie Romain dans la religion, la pensée et l'art". Paris, Albin Michel, 1938, 503 págs..
- GRISAR, H. — "Rom beim Ausgang der antiken Welt. Nach den schriftlichen Quellen und den Monumenten", mit 228 historischen Abbildungen und Plaenen, darunter ein Plan Forma Urbis Romae aevi Christiani saec. IV — VII in Farbendruck. Freiburg im Breisgau, Herder'sche Verlagshandlung, 1901, 855 págs..
- GUIGNEBERT, Ch. — "La politique religieuse de Rome aux deux premiers siècles de l'empire", d'après les notes prises au Cours de Ch. Guignebert et avec la collaboration de Membres du Groupe d'Étudiants en Histoire Ancienne. Paris, Centre de Documentation Universitaire, s. d., 139 págs..
- GUIGNEBERT, Ch. — "Le monde Juif vers le temps de Jésus". Paris, La Renaissance du Livre, 1935, 367 págs..
- GUIGNEBERT, Ch. — "Le Christ", Paris, Albin Michel, 1943, 408 págs..
- GUIGNEBERT, Ch. — "Le Christianisme antique", Paris, Ernest Flammarion, 1921, 270 págs..
- GUIGNEBERT, Ch. — "La vie religieuse dans l'Empire Romain de Néron à Commode", d'après les notes prises au cours de Ch. Guignebert, Paris, Centre de Documentation Universitaire, s. d., 105 págs..
- GUILLEMIN, A. M. — "Le public et la vie littéraire à Rome". Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1937, 137 págs..
- GUNTERMANN, F. — "Die Eschatologie des Hl. Paulus". Muenster i. W., 1932, Verlag der Aschendorffschen Verlagsbuchhandlung, 320 págs..
- GUTHRIE, W. K. C. — "The Greeks and their Gods". London, Methuen & Co. Ltd., 1950, 388 págs..
- HARNACK, A. — "Missioni e propagazione del Cristianesimo nei primi tre secoli", traduzione di Piero Marruchi, 2.<sup>a</sup> edizione. Milano, Fratelli Bocca, 1945, 591 págs..
- HAHN, L. — "Das Kaisertum", Leipzig, Dieterich'sche Verlagsbuchhandlung — Theodor Weicher, 1913, 114 págs..
- HEINZE, R. — "Virgils epische Technik", dritte Auflage, zweiter unveränderter Abdruck. Leipzig und Berlin, B. G. Teubner, 1928, 502 págs..
- HENNECKE, E. — "Handbuch zu den Neutestamentlichen Apokryphen", in Verbindung mit Fachgelehrten. Tuebingen, J. G. B. Mohr (Paul Siebeck), 1914, 604 págs..
- HOCHART, P. — "Études sur la vie de Sénèque". Paris, Ernest Leroux, 1885, 285 págs..
- HOMO, L. — "Les empereurs romains et le Christianisme", Paris, Payot, 1931, 234 págs..
- HOMO, L. — "Le haut Empire". Paris, Presses universitaires de France, 1941, 666 págs..
- HOMO, L. — "Auguste". Paris, Payot, 1935, 330 págs..
- HOMO, L. — "Le siècle d'or de l'Empire Romain". Paris, Arthème Fayard, 1947, 584 págs..
- HOMO, L. — "La civilisation romaine". Paris, Payot, 1930, 470 págs..
- HOWALD, E. — "Die Kultur der Antike", zweite leicht veränderte Auflage. Zuerich, Artemis Verlag, 1948, 273 págs..
- HUBAUX, J. — "Les grands mythes de Rome". Paris, Presses universitaires de France, 1945, 156 págs..
- JEANMAIRE, H. — "Le Messianisme de Virgile". Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1930, 217 págs..

- JEANMAIRE, H. — "La Sibylle et le retour de l'Âge d'or". Paris, Ernest Leroux, 1939, 146 págs..
- JUSTER, J. — "Les Juifs dans l'Empire Romain. Leur condition juridique, économique et sociale". Paris, Librairie Paul Geuthner, 1914, 2 vols..
- LABRIOLLE, P. de — "Histoire de la littérature latine chrétienne", deuxième édition revue et augmentée. Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1924, 765 págs..
- LABRIOLLE, P. de — "La réaction païenne. Étude sur la polémique anti-chrétienne du I<sup>er</sup>. au VI<sup>e</sup>. siècle". Paris, L'Artisan du livre, 1934, 519 págs..
- LABRIOLLE, P. de — "De l'unité de l'Église Catholique", de Saint Cyprien. Introduction, traduction et notes par P. de Labriolle. Paris, Les éditions du Cerf, 1942, 54 págs..
- LAGRANGE, M. J. — "Le Judaïsme avant Jésus-Christ", troisième édition. Paris, J. Gabalda et fils, 1931, 624 págs..
- LANCIANI, R. — "Pagan and Christian Rome", profusely illustrated, Boston and New York, Houghton, Mifflin and Company, 1893, 374 págs..
- LEBRETON, J. e ZEILLER, J. — "L'Église primitive", in "Histoire de l'Église", publiée sous la direction de Augustin Fliche et Victor Martin. Paris, Bloud & Gay, 1946, 474 págs..
- LEBRETON, J. e ZEILLER, J. — "De la fin du 2<sup>e</sup>. siècle à la paix Constantinienne", in "Histoire de l'Église" publiée sous la direction de Augustin Fliche et Victor Martin. Paris, Bloud & Gay, 1946, 511 págs..
- LINDER, J. — "Commentarius in librum Daniel", in "Cursus scripturae Sacrae" incohatus A. R. Cornely, I. Knabenbauer, F. de Hummelauer continuatus cura sacerdotum, eiusdem Societatis Iesu in Pontificio Instituto Biblico professorum; sectio altera, vol. 23. Parisiis, sumptibus P. Lethielleux, editoris, 1939. 548 págs..
- LODS, A. — "La religion d'Israël". Paris, Hachette, 1939, 256 págs..
- LOT, F. — "La fin du monde antique et le début du Moyen âge". Paris, Albin Michel, 1938, 513 págs..
- LUECKEN, H. — "Die sibyllinischen Weissagungen, ihr Ursprung und ihr Zusammenhang mit den afterprophetischen Darstellungen christlicher Zeit". Wuerzburg, Leo Woerl, 1875, 52 págs..
- MAGNIN, E. — "L'État. Conception païenne, conception chrétienne". Paris, Bloud & Gay, 1931, 163 págs..
- MAROUZEAU, J. — "Dix années de bibliographie classique". Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1927, 1286 págs. em 2 volumes.
- MARQUARDT, J. — "Le culte chez les romains", traduit par M. Brissaud. Paris, Ernest Thorin, 1890, 2 vols., XII e XII do "Manuel des Antiquités romaines", de Mommsen e Marquardt.
- MARTHA, C. — "Les moralistes sous l'Empire Romain — philosophes et poètes". Paris, Hachette et Cie., 1865, 477 págs..
- MONEILE, A. H. — "An Introduction to the study of the New Testament". Oxford, Clarendon Press, 1927, 478 págs..
- MENÉNDEZ PIDAL, R. — "España Romana", tomo II da "Historia de España" dirigida por R. Menéndez Pidal. Madrid, Espasa-Calpe. S. A. 1935, XL — 810 págs..
- MEYER, E. — "Römischer Staat und Staatsgedanke", Zurich, Artemis-Verlag, 1948, 467 págs..
- MOFFATT, J. — "An Introduction to the literature of the New Testament", New York, Charles Scribner's sons, third edition, 1918, 659 págs..
- MOMMSEN, Th. — "Das Weltreich der Caesaren". Wien und Leipzig, Phaidon Verlag, 1933, 820 págs..
- MONCEAUX, P. — "Histoire de la littérature latine chrétienne". Paris, Payot, 1924, 176 págs..
- MOODY, C. N. — "The mind of the early converts". London. Hodder and Stoughton Ltd., s.d., 310 págs..

- MURRAY, G. — "Stoic, Christian and Humanist". London, C. A. Watts & Co. Ltd. George Allen & Unwin Ltd., 1946, 189 págs..
- MURRAY, G. — "Five stages of Greek religion", studies based on a Course of Lectures delivered in April 1912 at Columbia University. London, Watts & Co., 1946, 235 págs..
- NILSSON, M. P. — "A History of Greek religion", translated from the Swedish by F. J. Fielden, with a Preface by sir James Frazer. Oxford, Clarendon Press, 1923, 310 págs..
- NOCK, A. D. — "St. Paul". Oxford University Press, 1946, 256 págs..
- NOGARA, B. — "Les étrusques et leur civilisation", édition française par M. T. Dromard-Mairot. Paris, Payot, 1936, 270 págs..
- OLIVIER, F. — "Les épodes d'Horace". Lausanne-Paris, Payot, 1917, 161 págs..
- OPPENHEIMER, F. — "Staat und Gesellschaft", in "Handbuch der Politik", dritte Auflage, vol. I. Berlin und Leipzig, Dr. Walther Rothschild, 1920.
- ORR, J. — "Neglected factors in the study of the early progress of Christianity". London, Hodder and Stoughton, 1899, 235 págs..
- PALANQUE, J. R. — "Saint Ambrose et l'Empire Romain. Contribution à l'histoire des rapports de l'Église et de l'État à la fin du IVe. siècle". Paris, de Boccard, 1933, 599 págs..
- PASQUALI, G. — "Orazio lirico". Firenze, Felice le Monnier, 1920, 783 págs..
- PETERSON, E. — "Der Monotheismus als politisches Problem". Leipzig, Jakob Hegner, 1935, 158 págs..
- PFISTER, O. — "Das Christentum und die Angst". Zuerich, Artemis Verlag, 1944, 530 págs..
- PICHON, R. — "Histoire de la littérature latine". Paris, Hachette, s.d., 986 págs..
- PICHON, R. — "Hommes et choses de l'ancienne Rome", Paris, Fontemoing, 1911, 355 págs..
- PIGANIOL, A. — "La conquête romaine", deuxième édition revue et augmentée. Paris, Félix Alcan, 1930, 526 págs..
- PIGANIOL, A. — "Histoire de Rome". Paris, Presses universitaires de France, 1939, LI-576 págs..
- PRAT, F. — "La théologie de Saint Paul", dixième édition. Paris, Gabriel Beauchesne, 1924, 2 vols..
- PRUEMM, K. — "Der christliche Glaube und die altheidnische Welt". Leipzig, Jakob Hegner, 1935, 2 vols..
- PRUEMM, K. — "Christentum als Neuheitserlebnis. Durchblick durch die christliche-antike Begegnung". Freiburg im Breisgau, 1939, Herder & Co., 500 págs..
- PUECH, A. — "Histoire de la littérature grecque chrétienne, depuis les origines jusqu'à la fin du IVe. siècle". Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1928, 3 vols..
- RAND, E. K. — "The building of eternal Home". Cambridge, Harvard University Press, 1943, 318 págs..
- REHM, W. — "Der Untergang Roms im abendlaendischen Denken. Ein Beitrag zur Geschichtschreibung und zum Dekadenzproblem". Leipzig, Dieterich'sche Verlagsbuchhandlung, 1930, 176 págs..
- RENAN, E. — "O Anti-Christo", tradução de Campos Lima. Pôrto, Livraria Chardron, de Lelo & Irmão, Ltda., 1930, 390 págs..
- RENAN, E. — "Marco-Aurélio e o fim do Mundo antigo", tradução de Eduardo Pimenta. Pôrto, Livraria Chardron, de Lelo & Irmão, Ltda., 1925, 430 págs..
- RABY, F. J. E. — "A History of Christian-latin poetry from the beginnings to the close of the Middle Ages". Oxford, Clarendon Press, 1927, 491 págs..

- RIBER, L. — "Aurelio Prudencio". Editorial Labor S. A., Barcelona, 1936, 248 págs. e 12 de ilustrações.
- RICCIOTTI, G. — "Histoire d'Israël", traduction française par Paul Auvray, nouvelle édition revue et corrigée. Paris, A. & J. Picard et Cia. 1948, 2 vols..
- RODIER, G. — "Études de philosophie grecque". Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1926, 354 págs..
- ROBIN, L. — "La pensée grecque et les origines de l'esprit scientifique", édition revue et corrigée. Paris, Albin Michel, 1932, 486 págs..
- ROMEYER, B. — "La Philosophie chrétienne jusqu'à Descartes. Ildes Alexandrins à la mort de saint Augustin", Paris, Bloud & Gay, 1936, 180 págs..
- ROSTAGNI, A. — "La letteratura di Roma repubblicana ed augustea". Bologna, Licinio Cappelli editore, 1939, 514 págs..
- ROSTOVTZEFF, M. — "The social and economic history of the Hellenistic world". Oxford, Clarendon Press, 1941, 3 vols..
- ROSTOVTZEFF, M. — "Historia social y económica del Imperio Romano". Madrid, Espasa-Calpe, S. A., 1937, 2 vols..
- ROGER, H. — "Les religions révélées", nouvelle édition entièrement refondue. Paris, Les oeuvres représentatives, 1934, 3 vols..
- SCHMIDT, K. L. — "Le problème du Christianisme primitif. Quatre conférences sur la forme et la pensée du Nouveau Testament", Paris, Ernest Leroux. 1938, -104 págs..
- SCHNEIDER, F. — "Rom und Romgedanke im Mittelalter". Muenchen, Drei Masken Verlag, 1926, 309 págs. e 32 de ilustrações.
- SCHNEIDER, H. — "Filosofia de la Historia", traducción directa del alemán por José Rovira y Armengol. Barcelona - Buenos Aires, Editorial Labor, S. A., 355 págs. e VIII de ilustrações.
- SCHNÜRER, G. — "L'Église et la civilisation au Moyen Âge", traduction française de G. Castilla et de Mme. M. Th. Bugard, Paris, Payot, 1933, 3 vols..
- SELLAR, W. I. — "The roman poets of the Augustan age — Horace and the elegias poets". Oxford, Clarendon Press, 1899, 363 págs..
- SHOWERMAN, G. — "Eternal Rome. The city and its people from the earliest times to the present day". New Haven, Yale University Press, 1925, 650 págs..
- SIMON, M. — "Verus Israël". Étude sur les relations entre chrétiens et Juifs dans l'Empire Romain (135-425)". Paris, E. de Boccard, 1948, 475 págs..
- STRACK, H. und BILLERBECK, P. — "Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch". Muenchen, C. H. Beck'sch Verlagsbuchhandlung, 1928, 4 vols..
- SYME, R. — "The Roman revolution". Oxford, Clarendon Press, 1939, 568 págs..
- TAINÉ, H. — "Essai sur Titè Live". Paris, Hachette, s.d., 364 págs..
- TARN, W. W. — "La civilisation Hellénistique", traduit de l'anglais por E. J. Lévy. Paris, Payot, 1936, 350 págs..
- TOYENBEE, A. — "A Study of History", Oxford University Press; London: Humphrey Milford, Issued under the auspices of the Royal Institute of International Affairs, 1940, 6 vols..
- TOYNBEE, A. — "Civilization on trial", New York, Oxford University Press, 1948, 263 págs..
- TURCHI, N. — "La religione di Roma antica". Bologna, Licinio Cappelli Editore, 1939, 412 págs..
- TURMEL, J. — "L'Apocalypse". Paris, Les éditions Rieder, 1938, 44 págs..
- UEBERWEG, F. — "Grundriss der Geschichte der Philosophie", Berlin, E. S. Mittler & Sohn, 1926, 4 vols..
- VILLENEUVE, F. — "Essai sur Perse". Paris, Hachette, 1918, XIV - 540 págs..



- VESSEREAU, J. — "Cl. Rutilius Namatianus. Édition critique accompagnée d'une traduction française et d'un index et suivie d'une étude historique et littéraire sur l'oeuvre et l'auteur". Paris, Fontemoing éditeur, 1904, 443 págs..
- WALTZ, R. — "Vie de Sénèque", Paris, Perrin et Cie., Librairé-éditeurs, 1909, 462 págs..
- WALSER, G. — "Rom, das Reich und die fremden Völker in der Geschichtsschreibung der frühen Kaiserzeit". Baden-Baden, Verlag für Kunst und Wissenschaft, 1951, 179 págs..
- WEBER, A. — "Kulturgeschichte als Kultursoziologie". München, Piper & Co., zweite, erweiterte Auflage, 1950, 479 págs..
- WENDLAND, P. — "Die hellenistisch-romische Kultur in ihrem Beziehungen zu Judentum und Christentum. — Die urchristlichen Literaturformen", Zweite und dritte Auflage mit 5 Abbildungen in Text und 14 Tafeln. Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1912, 448 págs.. (em abreviatura no texto: "H.R.K.").
- WERNER, Ch. — "La Philosophie Grecque". Paris, Payot, 1946, 302 págs.
- WESTERMARCK, E. — "Christianity and Morals". London, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd., 1939, 427 págs..
- WINDELBAND, W. — "La Filosofía Helenístico-Romana". Versión española por Francisco Larroyo. Argentina y Guatemala — México, 1941, 200 págs..
- ZIELINSKI, T. — "La Sibylle: trois essais sur la religion antique et le christianisme". Paris, Rieder, 1924, 127 págs..

#### IV — ARTIGOS E REVISTAS

- "L'ANNÉE PHILOLOGIQUE", publiée sous la direction de J. Marouzeau par Mlle. Juliette Ernst. Tomos XIV e XVI, contendo a bibliografia dos anos 1939, 1942-43-44. Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1941 e 1946.
- BARKER, E. — "El concepto de Imperio", in "Legado de Roma", da Universidade de Oxford, editado por Cyril Bailey. Tradução espanhola de A. J. Dorta, Madrid, Ediciones Pegado, 1944, págs. 57-115.
- BENOIT, P. — "Sénèque et Saint Paul", in "Revue Biblique", 1946, n.º 1, págs. 7-35. Paris, J. Gabalda, éditeurs.
- BERÄNGER, J. — "Pour une définition du Principat: Auguste dans Aulus-Gelle, XV, 7, 3" in "Revue des études latines" publiée par la Société des études latines sous la direction de J. Marouzeau, 21e. et 22e. année — 1943-1944, tomes XXI-XXII, págs. 144-154. Paris, Société d'édition "Les belles lettres", 1945.
- BOCCADAMO, G. — "L'idea di Roma in Polibio", in "La civiltà cattolica" de 15 de janeiro de 1938, Caderno 2102, ano 89, vol. I, págs. 145-158.
- BRUNNER, E. — "Der Apostel Paulus", in "Universitas", Januar 1951, págs. 13-20. Stuttgart, Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft.
- CHARLESWORTH, M. P. — "Providentia and Aeternitas", in "The Harvard Theological Review", vol. XXIX, págs. 107-132. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1936.
- FISCH, M. H. — "Alexander and the Stoics", in "American Journal of Philology", edited by Tenney Frank, vol. LXIII, 1 e 2, janeiro e abril de 1937, págs. 59-82 e 129-151. Baltimore, Maryland, The Johns Hopkins Press.
- GILMOUR, S. MacLean — "Paul and the primitive Church", in "Journal of Religion", vol. XXV, 2, abril de 1945, págs. 119-128. Chicago, Illinois, The University of Chicago Press.
- GOGUEL, M. — "La seconde génération chrétienne" (premier article), in "Revue de l'histoire des Religions" publiée sous la direction de MM. René

- Dussaud et Édouard Dhorme, tome CXXXVI, n.º 1, julho-setembro de 1949, págs. 31-57. Paris, Presses universitaires de France.
- GOGUEL, M. — "Pneumatisme et Eschatologie dans le Christianisme primitif", in "Revue de l'histoire des Religions", tomes CXXXII, Ns. 1 et 2-3, julho-dezembro de 1946 e Ns. 1 et 2-3, janeiro-junho de 1947-1948, págs. 124-169 e 103-161. Paris, Presses universitaires de France.
- GRY, L. — "Les chapitres XI et XII de l'Apocalypse", in "Revue Biblique", tome XXXI, 1922, págs. 203-214. Paris, J. Gabalda, éditeurs.
- GRY, L. — "Recension de l'ouvrage de R. H. Charles". A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John, with Introduction. Notes and Indices, also the Greek text and English translation. In 8.º, vol. I, CXCII, 373; vol. II, VIII, 479, Edinburgh, Clark, 1920", in "Revue Biblique", tome XXXI, 1922. Paris, J. Gabalda, éditeurs.
- GUENTER, H. — "Die Reichsidee im Wandel der Zeiten", in "Historisches Jahrbuch", 53. Band, págs. 409-428. Koeln, J. P. Bachem G. M. B. H., 1933.
- LAGRANGE, M. J. — "Le prétendu Messianisme de Virgile", in "Revue Biblique", tome XXXI, 1922, págs. 552-572. Paris, J. Gabalda, éditeurs.
- LAGRANGE, M. J. — "Recension de l'ouvrage Agnostos Theos, Untersuchungen zur Formengeschichte religioeser Rede", von Ed. Norden, IX, 410 pp., Leipzig und Berlin, B. G. Teubner, 1913", in "Revue Biblique", tome XI, 1914, Paris, Victor Lecoffre.
- MOORE, G. H. — "The decay of Nationalism under the Roman Empire", in "Transactions and Proceedings of the American Philological Association", published by Ginn and Company, Boston, 1917, vol. XLVIII, págs. 27-36.
- PRUEMM, K. — "Seltsame Heilandspropheten — Sibyllen und sibyllinen: Wahrheit und Irrtum", in "Theologisch-praktische Quartalschrift", Band 90, págs. 466-475 e 618-633. Linz a. d. Donau, 1937.
- REGENBOGEN, O. — Critica à obra "Der geistige Widerstand gegen Rom in der antiken welt", von Harald Fuchs. Berlin, de Gruyter 1938. 102 S., in "Historische Zeitschrift" herausgegeben von Karl Alexander von Muel-ler, Bd. 161, Heft 2, 14, 1. 1940, págs. 332-336. Muenchen un Berlin, R. Oldenbourg.
- REINACH, S. — "L'Orphisme dans la IVe. éclogue de Virgile", in "Cultes, Mythes et Religions", troisième édition, tome deuxième, págs. 66-84. Paris, Ernest Leroux, 1928.
- RENAN, E. — "L'Apocalypse de l'an 97", in "Revue des deux Mondes", 1 de março de 1847, págs. 127-144.
- SANFORD, E. M. — "Contrasting views of the Roman Empire", in "American Journal of Philology", vol. LVIII, 4, págs. 437-456, Baltimore, Maryland, The Johns Hopkins Press, 1937.
- STRAUB, J. — "Christliche Geschichtsapologetik in der Krisis des romischen Reiches", in "Historia", Jahrgang 1, Heft 1, 1950, págs. 52-81. Baden-Baden, Verlag für Kunst und Wissenschaft.
- WINCKLER, U. — "Die Juden und Rom", in "Altorientalisch Forschungen" dritte Reihe, Band I, 1902. Págs. 97-134. Leipzig, Eduard Pfeiffer.